



Os mercados agroecológicos geram renda e protegem a biodiversidade

CONTRIBUIÇÕES DA AGROECOLOGIA: EXPERIÊNCIAS NA SERRA SUL DO EQUADOR

■ Nancy Minga Ochoa

No Equador, existem experiências agroecológicas importantes, sendo que é nas províncias serranas de Azuay e Loja que encontramos as de maior destaque. O estudo realizado pela Coordenação Equatoriana de Agroecologia (CEA)¹ apresenta informações sobre a contribuição à economia regional de seis agroecossistemas manejados pela perspectiva agroecológica nas duas províncias.

A AGRICULTURA NO EQUADOR

O Equador tem 15 milhões de habitantes, 35% deles formando a população rural. Segundo dados levantados em 2014 pela Universidade das Forças Armadas do Equador², do total nacional de 842.882 Unidades de Produção Agropecuária (UPAs), 52,8% têm menos de três hectares e contam com 3,5% do total de hectares agropecuários do país (12 milhões de hectares), enquanto que as UPAs com mais de 50 hectares (6,4% do total) ocupam 60,7% dos hectares agropecuários. Os números revelam a alta concentração de terras no país, restringindo a agricultura camponesa a minifúndios.

Também em 2014, a organização internacional Grain realizou um estudo apontando que quase 56% dos agricultores são de pequena escala, mas produzem metade das hortaliças, 46% do milho, mais de um terço dos cereais e legumes, 30% das batatas e 8% do arroz do país. No que tange à distribuição de alimentos, o estudo revela que 40% do que as famílias equatorianas consomem é comprado em grandes supermercados. Outro estudo indica que 70% das famílias no país compram pelo menos uma vez ao ano em um dos maiores supermercados (CAN, 2011), espaços

comerciais abastecidos por um número cada vez menor de fornecedores.³

Diante desse contexto de crescente concentração dos sistemas agroalimentares, a produção agroecológica tem encontrado maior ressonância em circuitos de comercialização alternativos (tais como feiras, cestas comunitárias, entregas por encomenda ou lojas solidárias). Esses canais alternativos permitem que pequenos produtores retenham uma parte maior do valor do seu produto, tornando, dessa forma, sua produção mais rentável, mesmo quando não vendem grandes volumes. Além disso, os circuitos alternativos não exigem a estabilidade em termos de volume de produção exigida pelos merca-

³Um dos maiores supermercados do país obtém seus produtos frescos tão somente de 240 fornecedores, sendo que antes contava com cerca de 2.500. Atualmente, foram emitidas resoluções oficiais que obrigam os supermercados a adquirir produtos de uma quantidade maior de produtores provenientes do setor da economia social e solidária. A Superintendência de Controle do Poder de Mercado, amparada no disposto nos artigos 37 e 44, parágrafo 6º, da Lei Orgânica de Regulação e Controle do Poder de Mercado, elaborou o *Manual de boas práticas comerciais para o setor dos supermercados e/ou similares e seus fornecedores*.

¹O estudo foi dirigido pela CEA e realizado por Lina Santacruz e Nancy Minga Ochoa.

²Universidade das Forças Armadas do Equador. **Realidad nacional**, 2014. Disponível em: <<http://es.slideshare.net/byronjoel1994/concentracin-y-distribucin-de-la-riqueza-en-el-ecuador>>.



A família Yunga se prepara para a feira semanal

dos convencionais e, por isso, estão mais abertos a produtos pouco comuns ou que variam conforme as estações do ano, muitos dos quais são cultivos ancestrais (HEIFER, 2014).

O mercado agroecológico, portanto, é mais flexível. Também prima pela organização, até porque essa é a única maneira de lidar com suas limitações em termos de volumes (cada família dispõe de poucos excedentes para vender), produção sazonal (pelas variações climáticas), entre outras. Somente uma organização social sólida poderia construir padrões de controle da qualidade dos produtos, como o chamado Sistema Participativo de Garantia (SPG), também considerado um mecanismo para melhorar as relações entre produtores e consumidores.

ANALISANDO SEIS CASOS DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

A agricultura camponesa agroecológica é vista pelo setor oficial⁴ como uma agricultura sem potencial para resolver problemas ligados à geração e à manutenção de postos de trabalho, à produção de renda e a aportes para a economia em geral. Quando muito, reconhece-se seu potencial *ambien-*

⁴Em resposta à exigência de setores camponeses organizados em relação à redistribuição de terras no país, o Presidente Rafael Correa declarou (em tradução livre): *Temos uma produtividade agrícola demasiado baixa. E na economia camponesa essa produtividade é desastrosa. E parte dessa baixa produtividade pode ser atribuída às pequenas parcelas de terreno...* O artigo completo pode ser acessado no blog *La línea de Fuego*, disponível em: <<https://lalineadefuego.info/2011/10/17>>.

tal, mas que fica relegado a segundo plano frente às urgências de uma visão econômica reducionista, norteadas unicamente pela perspectiva dos rendimentos monetários. Esse olhar da economia convencional, que prevalece nos governantes, tem se contraposto às estratégias produtivas de camponeses e camponesas que encontram na Agroecologia uma perspectiva adequada para enfrentar sua marginalização econômica, assegurar melhores condições de autoabastecimento alimentar, recuperar sua cultura comunitária, cuidar da terra e da saúde.

Os estudos de casos sobre as contribuições da Agroecologia foram conduzidos seguindo um enfoque metodológico baseado no diálogo de saberes, a partir de um longo processo de reflexão e busca de soluções com as organizações selecionadas. Para sistematizar a informação, utilizou-se a metodologia proposta pela AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, organização brasileira que desenvolveu o *Método de Avaliação Econômico-Ecológico de Agroecossistemas* (AS-PTA, 2015). Com base na realização de entrevistas semiestruturadas, dados sobre o funcionamento econômico dos agroecossistemas são levantados para serem posteriormente organizados e processados, gerando um conjunto integrado de indicadores sistêmicos. Para analisar a informação em uma escala maior, tomou-se como referência a metodologia MuSIASEM (Análise Integrada Multiescala do Metabolismo Social e Ecológico), que caracteriza a viabilidade e a conveniência dos padrões de produção e consumo dos sistemas socioeconômicos integrando conceitos teóricos de diferentes áreas disciplinares (GIAMPIETRO, 2016).

QUADRO I. DADOS DOS AGROECOSSISTEMAS

	Família	Província	Distrito*	Organização	Terra disponível (ha)	Chefe de família
1	Virginia Gualán	Loja	El Valle	RAL	0,78	Mulher
2	Chapa Feican	Loja	El Valle	RAL	0,16	Homem
3	María Paccha	Loja	El Valle	RAL	0,06	Mulher
4	Yunga Carchi	Azuay	Nabón	Assoc. Wayunkita	3	Homem
5	Morocho Lalvay	Azuay	Nabón	Comuna Chunazana	0,9	Homem
6	Martha Yunga	Azuay	Nabón	Assoc. Wayunkita	2	Mulher

* Corresponde à menor subdivisão administrativa no Equador. Situa-se abaixo das províncias e dos municípios e tem o nome em espanhol de *Parróquia*. (N. do E.)

ANÁLISE DOS AGROECOSSISTEMAS

Fluxos de trabalho

Os seis agroecossistemas analisados encontram-se em Azuay e Loja, duas províncias que apresentam as maiores taxas de migração da população rural para as cidades e mesmo para outros países. O setor da construção civil é o que absorve a maior quantidade de mão de obra camponesa (pedreiros e peões) de migração temporária.

A população economicamente ativa do Distrito de Nabón é de 8.156 pessoas. Destas, 4.951 (60,7%)⁵ se dedicam a atividades agropecuárias e de pesca, importante setor no qual estão inseridas as três famílias analisadas.

Como podemos verificar no Esquema 1, nas experiências agroecológicas de Nabón a dedicação de trabalho anual para a produção agropecuária para a venda e para o autoconsumo supera o tempo dedicado à pluriatividade (761 versus 568), o que pode ser considerado um indicador da diminuição da migração da população camponesa.

Os dados também evidenciam que a contribuição das mulheres é decisiva para a prática da Agroecologia. Afinal, são elas que sustentam as atividades de produção, comercialização e cuidado da casa, exercendo, portanto, papel preponderante na economia, o que lhes exige enorme esforço. Já a participação social em reuniões organizativas e o trabalho fora de casa estão em grande parte sob a responsabilidade dos homens.

⁵Secretaria Nacional de Planejamento e Desenvolvimento (Senplades). **Fichas de cifras gerais**. 2014. Disponível em: <http://app.sni.gob.ec/sni-link/sni/Portal%20SNI%202014/FICHAS%20F/0104_NABON_AZUAY.pdf>.

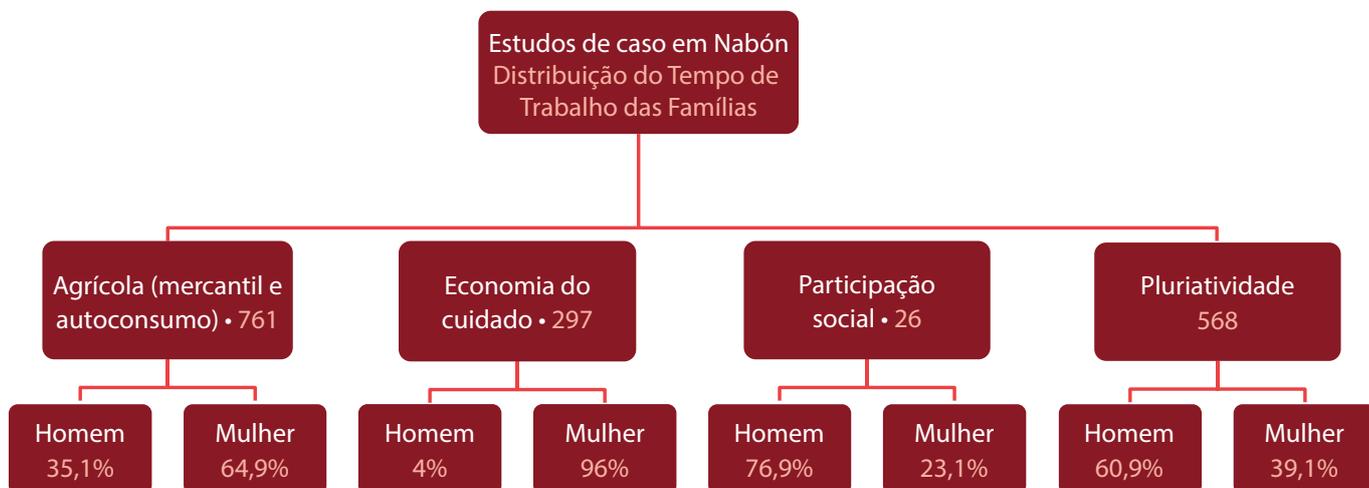
Por outro lado, os três agroecossistemas analisados em Loja, situados na comunidade Shucos, do distrito urbano de El Valle, estão sujeitos à pressão do crescimento da cidade.

A população economicamente ativa do município de Loja é de 114.327 pessoas,⁶ sendo que, destas, 15.320 estão envolvidas em atividades agropecuárias. A área urbana de Loja é muito influente e são nessas condições periurbanas que as atividades das famílias que se dedicam à Agroecologia são desenvolvidas.

As mulheres são responsáveis pela maior parte das atividades de produção e de comercialização bem como das tarefas ligadas à organização social da comunidade e da Rede Agroecológica de Loja (RAL). A contribuição das mulheres também tem grande relevância nas atividades não agrícolas, por meio da agregação de valor aos produtos e do mercado gastronômico.

⁶SENPLADES. **Fichas de cifras gerais**. 2014.

ESQUEMA 1. EMPREGO MÉDIO DO TEMPO DAS FAMÍLIAS DE NABÓN EM HORAS E PERCENTUAL POR GÊNERO

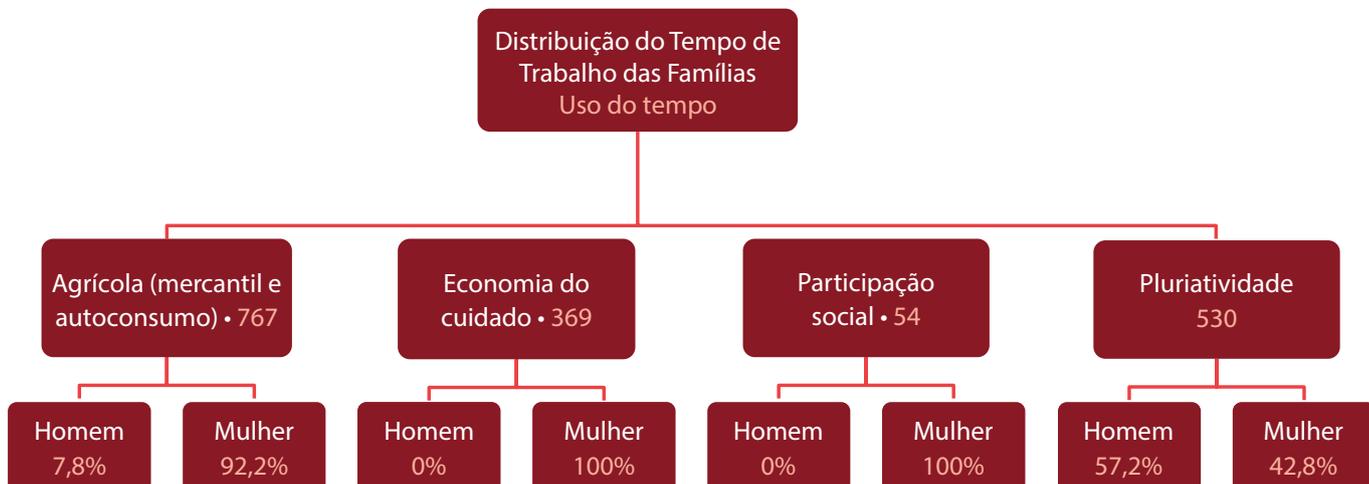


Fluxos econômico-ecológicos em Nabón

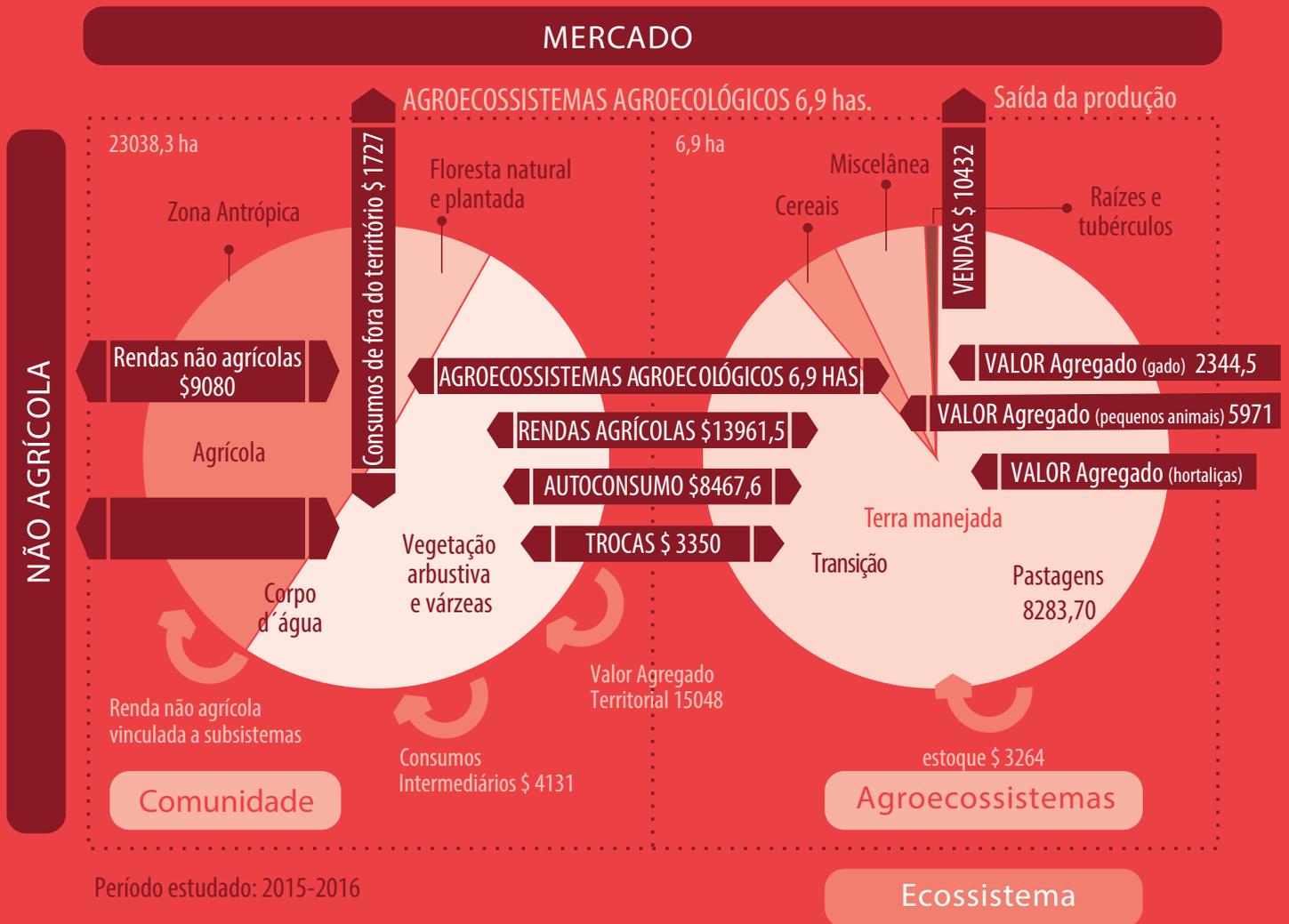
A terra agrícola de Nabón (23 mil hectares) está coberta principalmente por pastagens, sendo que a pecuária camponesa de pequena escala ocupa grande parte do território, seguida pela produção de cereais, que basicamente consiste no sistema denominado *chacra* (consórcio de milho com feijão, cucurbitáceas, entre outros cultivos).

Os agroecossistemas estudados combinam quatro subsistemas (pecuária bovina, quintal, cultivos anuais e criação de animais de pequeno porte) e abrangem uma extensão territorial de 6,9 hectares. O Esquema 3 evidencia as contribuições econômicas anuais desses agroecossistemas expressas em valores monetários (dólares), a moeda oficial do Equador.

ESQUEMA 2. EMPREGO MÉDIO DO TEMPO DAS FAMÍLIAS DE LOJA EM HORAS E PERCENTUAL POR GÊNERO



Fonte: Autora



Esquema baseado em trabalho de Doutorado sobre *metabolismo rural* no Instituto de Ciência e Tecnologia Ambientais ICTA-UAB (2009-2013)

Os fluxos econômicos e ecológicos representados no esquema articulam duas escalas: a territorial, que corresponde ao uso do solo no distrito, e a dos agroecossistemas familiares, que são analisados como um todo (em termos de sua contribuição). As contribuições são representadas graficamente no território com fluxos de entrada dupla para: rendas, autoconsumo e economia comunitária não monetária (trocas, escambo) e recursos que permanecem no território para acionar a economia local. Por outro lado, também são considerados fluxos de entrada dupla os consumos realizados fora do território.

Também são representados graficamente os fluxos positivos para o território (geração de valor agregado – riqueza, reciclagem de recursos ecológicos, autoconsumo, estoque de recursos nas propriedades rurais) como evidência de externalidades positivas. Além disso, está graficamente representada com flechas unidirecionais a contribuição dos subsistemas que geram maior aporte à economia e à soberania alimentar local.



A partir da representação esquemática das contribuições da Agroecologia, destacamos alguns aspectos relevantes:

a) A Agroecologia proporciona rendas agrícolas que contribuem para a reprodução das famílias com pouca terra. Essas rendas superam as obtidas na pluriatividade, o que se reflete no declínio da migração, cuja principal causa é a ausência de oportunidades de trabalho nas comunidades. Nas entrevistas, verificou-se que algumas das rendas não agrícolas dessas famílias estão diretamente ligadas ao sistema de produção agroecológica, tais como o transporte de produtos para as feiras agroecológicas, a venda e o serviço de transporte de adubos orgânicos na região, entre outras atividades. Além disso, aponta-se a importância dos laços sociais estabelecidos, valorizando a produção agrícola e permitindo que 50.1% dos rendimentos não agrícolas permaneçam no território.

A família Morocho tem como principal fonte de renda a agricultura, uma atividade que contribui para a reconstrução ecológica do território



Produção de verduras para o autoabastecimento da família e para a venda em mercados locais

“ A CONTRIBUIÇÃO ECONÔMICA DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA PARA O TERRITÓRIO É POUCO VISÍVEL PARA AS INSTITUIÇÕES OFICIAIS.

b) O fortalecimento da soberania alimentar se expressa na diversificação da produção, nos altos níveis de autoabastecimento e numa economia amplamente baseada em intercâmbios e trocas não monetarizadas. Embora os produtos agroecológicos sejam de qualidade superior, as famílias não incorporam esse fator no preço de venda, que acaba sendo igual ao que está em vigor nos mercados convencionais. Nesse sentido, a venda de produtos agroecológicos fortalece não apenas a economia das famílias, como também a soberania alimentar da província.

c) A contribuição econômica da produção agroecológica para o território é pouco visível para as instituições oficiais. Expressa em Valor Agregado Territorial (VAT)⁷, essa riqueza permanece no território já que os custos de produção são baixos quando comparados com os dos sistemas convencionais. Estes últimos transferem grande parte da renda bruta para fora do território, beneficiando agentes do agronegócio (lojas de insumos, bancos, entre outros). As atividades mais importantes para a alimentação das famílias em nível regional contribuem simultaneamente para o fortalecimento da economia local. São elas: a criação de animais de pequeno porte (porquinhos-da-índia, frangos e ovelhas); os produtos derivados da pecuária bovina (leite e queijos); hortaliças e frutas; e o milho e o feijão.

d) Os fluxos de matéria e energia são sustentáveis, o que é confirmado a partir da perspectiva das famílias que declaram não haver impactos ambientais negativos. Somente nos primeiros estágios da transição agroecológica é que existe a demanda de esterco proveniente de fora do território. Quando o sistema está maduro, a fertilidade do solo é mantida por meio do uso adequado da biomassa (compostagem de ervas espontâneas e resíduos das hortas) e do esterco produzido nas propriedades. O subsistema com maior autonomia de insumos externos é o de cultivos anuais (subsistema composto pelo consórcio de milho com feijão, cucurbitáceas, cevada, ervilhas, entre outras espécies anuais).

Os insumos adquiridos são em sua maioria produzidos no próprio território, o que contribui tanto para a reprodução de processos ecológicos mais sustentáveis como para a retenção da riqueza na região. Entre os poucos insumos provenientes de fora da região, estão as sementes de hortaliças e aqueles destinados à criação de animais (vitaminas, sal).

e) Embora não estejam representados no esquema, a organização social e os fluxos de cooperação são fundamentais para o desenvolvimento da Agroecologia. Como estratégia para alavancar a comercialização, a Associação Wayunkita estabeleceu uma aliança regional com a Rede Agroecológica do Austro (RAA), que se encarrega de criar e manter circuitos curtos de comercialização. Ao perguntar às famílias sobre a importância das instituições para seu desenvolvimento, todas declararam que a organização Comunal e a Associação Wayunkita são as mais importantes, seguidas pelo Governo Municipal de Nabón, que tem apoiado suas ações por meio de um Comitê de Coordenação para a Produção. Entretanto, as famílias não atribuíram nenhuma importância a outros órgãos do Estado (como o Ministério da Agricultura e outros).

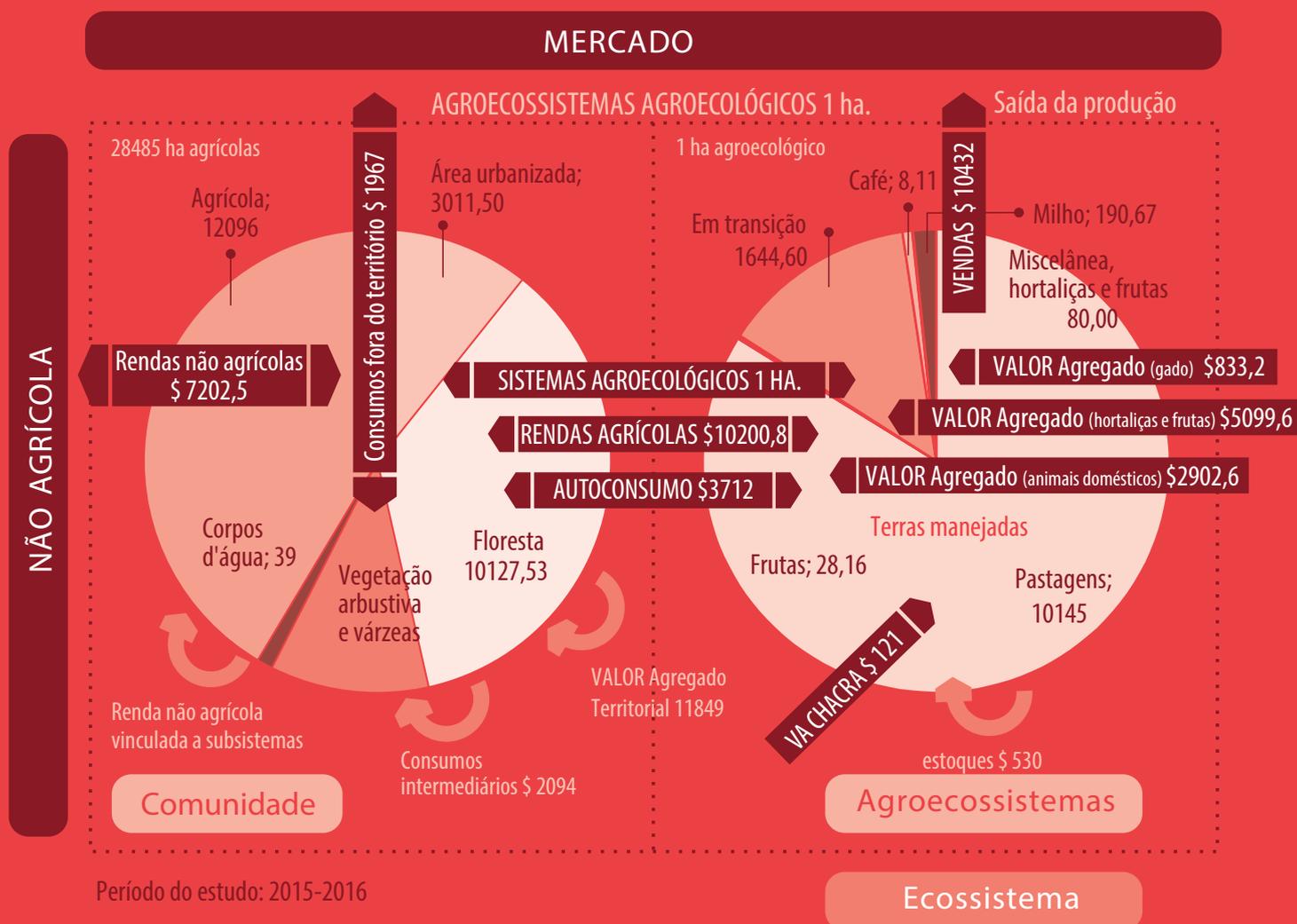
Fluxos econômico-ecológicos em Loja

Em Loja, a terra é destinada principalmente ao desenvolvimento urbano. Atualmente, uma parte das terras é dedicada a usos agropecuários, seguidos por áreas de floresta natural e reflorestamento. A superfície agrícola (28.485 hectares) é coberta principalmente por pastagens que são resquícios de antigas fazendas que pouco a pouco vão desaparecendo sob a pressão da cidade. Os quintais e os cultivos anuais disputam espaço com as construções urbanas. Muitas das famílias que vivem nas áreas periurbanas são migrantes de outras regiões rurais.

Os três agroecossistemas analisados possuem quatro subsistemas: quintais, cultivos anuais, pequenos animais (galinhas e porquinhos-da-índia) e pecuária bovina. A área manejada considerada nessa análise é de apenas um hectare.

O Esquema 4 mostra a contribuição desses agroecossistemas para o território.

⁷Corresponde à nova riqueza criada (VA) retida no território e que gera efeitos multiplicadores sobre a economia regional (AS-PTA, 2015).



Esquema baseado em trabalho de Doutorado sobre *metabolismo rural* no Instituto de Ciência e Tecnologia Ambientais ICTA-UAB (2009-2013)

A seguir, destacamos os aspectos mais relevantes nele apresentados:

a) As dificuldades econômicas associadas à limitada terra disponível para essas famílias são parcialmente compensadas pela proximidade com o mercado, fazendo com que os rendas agrícolas (US\$10.200,80) sejam mais expressivas que as rendas não agrícolas (US\$7.202,50). Além de gerar rendas que contribuem para a economia familiar, as três feiras semanais criadas e impulsionadas pela Rede Agroecológica de Loja possibilitam a geração de 28,4% das rendas não agrícolas: preparo e comercialização de *horchatas*,⁸ caldos/sopas de *ocas*⁹ e grãos cozidos, que são vendidos junto com os demais produtos da propriedade rural da família.

b) A contribuição para a soberania alimentar se expressa na produção de alimentos diversificados e saudáveis para a o autoconsumo e para a venda. Nas comu-

⁸Bebida adocicada tradicional da província de Loja, mas que é consumida em outras províncias equatorianas e até em outros países, onde muitas vezes seu preparo é diferente. Em Loja, a *horchata* pode levar até 28 ervas medicinais, flores e plantas aromáticas. (N. da T.)

⁹A oca é um tubérculo amplamente consumido nas regiões andinas. Ricos em cálcio, ferro, carboidratos e fósforo, esses tubérculos podem apresentar diversos tamanhos, colorações, sabores e texturas, de acordo com cada variedade. (N. da T.)

nidades não indígenas, a economia de reciprocidade já não é tão significativa, sendo atualmente mais comum as trocas monetárias, o que não significa que as famílias tenham abandonado esse tipo de relação econômica. As vendas de produtos agroecológicos na cidade (\$10.191,20) fortalecem a economia local e a soberania alimentar na província. Nesse caso, o preço de venda dos produtos agroecológicos é igual ao dos produtos convencionais, com exceção de alguns, como ovos e galinha caipira para abate.

c) A contribuição econômica das famílias agroecológicas para a cidade é pouco visível e valorizada oficialmente. As fei-



Foto: Gabriel B. Fernandes

A organização camponesa em Azuay procura influenciar as políticas públicas locais a favor dos agricultores familiares

ras camponesas, por exemplo, estão sujeitas a pressões dos órgãos municipais de controle (que preferem mercados especializados e não diversificados). No entanto, a significativa produção de hortaliças, frutas, pequenos animais e, em menor medida, de derivados da criação de bovinos (queijos e leite) mostra como as famílias, ao adotar o enfoque agroecológico, valorizam suas áreas para produzir alimentos e gerar renda.

Quanto aos fluxos de matéria e energia, pode-se dizer que estes atingem níveis próximos à sustentabilidade, uma vez que as famílias têm aprendido a manejar a biomassa para adicionar matéria orgânica ao solo e, portanto, não dependem

O FORTALECIMENTO DA SOBERANIA ALIMENTAR SE EXPRESSA NA DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO, NOS ALTOS NÍVEIS DE AUTOABASTECIMENTO E NUMA ECONOMIA AMPLAMENTE BASEADA EM INTERCÂMBIOS E TROCAS NÃO MONETARIZADAS.

de insumos externos para manter a fertilidade da terra. O subsistema com maior autonomia de insumos externos são os cultivos anuais.

d) Os fluxos de cooperação existentes entre as várias organizações de base da Rede Agroecológica de Loja (RAL), à qual pertencem as famílias, são indispensáveis para essa economia. Sem sua presença, não é possível a consolidação de mercados dire-



A AGROECOLOGIA PERMITE FORTALECER O SUJEITO SOCIAL CAMPONÊS, ENTENDIDO COMO A FORÇA SOCIAL ORGANIZADA QUE PODE INCIDIR SOBRE A ADEQUAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

tos e, fundamentalmente, não é possível o desenvolvimento da *consciência* agroecológica, que é o principal incentivo para o trabalho das mulheres.¹⁰

CONCLUSÕES PRELIMINARES

As contribuições econômicas da Agroecologia são significativas. As famílias atuam criativamente em todas as fases produtivas, desde a obtenção de insumos (em grande parte provenientes do território ou do próprio estabelecimento), passando pela construção de mercados estruturados em circuitos curtos e vendas diretas até o controle de certos serviços de transporte e venda de alimentos.

Sua ampla contribuição para a soberania alimentar local está comprovada. A diversidade de produtos alimentícios e a eficiência do trabalho e do uso e manejo do solo deveriam servir como modelo para garantir o direito à alimentação adequada da população. As experiências de Loja mostram, portanto, que o ordenamento das áreas periurbanas para essa finalidade é viável.

Ao conciliar produção agrícola e preservação ambiental, a Agroecologia desponta como um caminho para alcançar a sustentabilidade do território. As organizações sociais têm se empenhado em aumentar a consciência sobre os elevados custos e os danos ao meio ambiente e à saúde associados ao uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, ao mesmo tempo em que apontam para a importância da alimentação saudável. Essas mudanças de padrões produtivos e de consumo têm como base o enorme acúmulo de conhecimento dessas famílias, que estão sempre dispostas a partilhá-lo. Trata-se da solidariedade e da reciprocidade inerentes à cultura camponesa, que ainda permanece nas periferias das cidades, sendo muito mais forte nas comunidades indígenas.

O campesinato também tem se mostrado perfeitamente capaz de aprimorar sua produtividade e gestão comercial para atender às novas demandas e condições do mercado. A permanência e a expansão das experiências agroecológicas estudadas provam isso. Entretanto, o desenvolvimento da Agroecologia está nas mãos de famílias camponesas e organizações sociais,

¹⁰Maria, agricultora camponesa, afirma que, embora ganhasse mais dinheiro com cultivos convencionais, a Agroecologia lhe proporciona saúde e tranquilidade (uma vez que não se endivida para produzir), aspectos que valoriza mais que a geração de maiores níveis de renda monetária.

uma vez que tais iniciativas não contam com uma política de apoio do governo central. Pelo contrário, as políticas implementadas para a agricultura familiar acentuam a dependência ao setor industrial e financeiro, o que tem limitado o avanço da Agroecologia. Nesse sentido, tem sido importante a ação conjunta com os governos locais, que podem em maior ou menor grau acolher as propostas que surgem dessas organizações, como tem ocorrido nos dois territórios analisados.

Finalizamos afirmando que a Agroecologia permite fortalecer o sujeito social camponês, entendido como a força social organizada que pode incidir sobre a adequação de políticas públicas e, assim, potencializar a transformação do território rumo à sustentabilidade e à autonomia.

NANCY MINGA OCHOA

agrônoma, M.Sc.

Coordinadora Ecuatoriana de Agroecologia (CEA)

nancyminga_26@yahoo.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AS-PTA. **Avaliação Econômico-Ecológica de Agroecossistemas** - Parte II: Procedimentos Metodológicos (versão preliminar - mimeo). Rio de Janeiro: AS-PTA, 2015.
- COMUNIDAD ANDINA. **Agricultura Familiar Agroecológica Campesina en la Comunidad Andina**. Lima: Secretaría General de la Comunidad Andina, 2011. (Proyecto Promoción de la Agricultura Familiar Agroecológica en la Comunidad Andina)
- GIAMPIETRO, M. et al. Multi-scale integrated analysis of societal and ecosystem metabolism (MuSIASEM): Theoretical concepts and basic rationale. **Energy**, v. 34, n. 3, p. 313-322, mar. 2009.
- HEIFER. **La Agroecología está presente**. Mapeo de productores agroecológicos y del estado de la agroecología en la sierra y la costa ecuatoriana. Quito: Heifer, 2014.
- SOTO BAQUERO, F.; FAZZONE, M.R.; FACONÍ, C. (Eds.). **Políticas para la Agricultura Familiar en América Latina y el Caribe**. Santiago do Chile: FAO/BID, 2007.
- WONG, S. **Agricultura Familiar en Ecuador: Caracterización, Impactos de un TLC con Estados Unidos y Políticas de Apoyo y Compensación**. Guayaquil: FAO/BID; Escuela Superior Politécnica del Litoral, 2007.